

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO DESEMPREGO

CURITIBA
2016

ANDERSON HENRIQUE FORMIGONI

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO DESEMPREGO

Artigo de conclusão de curso de especialização do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Armando João Dalla Costa.

CURITIBA

2016

RESUMO

O desemprego é um dos grandes problemas enfrentados pela humanidade, desde os séculos passados as economias buscam explicações e fórmulas para se chegar ao a um modelo de pleno emprego, que até existe em teorias, mas na pratica dificilmente consegue se aplicar. A falta de ocupações é um constante desafio para pessoas, empresas e governos, sendo que a ausência de trabalho gera como consequências graves problemas sociais e econômicos. Esses problemas se intensificam em economias emergentes e principalmente em épocas de crises econômicas. As mudanças no mundo do trabalho e os avanços tecnológicos merecem atenção especial, pois empresas buscam a redução de custos e melhora continua da qualidade de produtos e serviços, enquanto que de outro lado os trabalhadores precisam acompanhar os avanços se aperfeiçoando e modernizando seus métodos de trabalho e aprendizado para garantir postos de trabalho, almejar promoções e continuidade de progressão na carreira. A constante busca por melhorias faz parte das rotinas de todos que pretendem ter um futuro mais tranquilo e melhor.

PALAVRAS-CHAVES

desemprego, tecnologia, mercado de trabalho, trabalho

ABSTRACT

Unemployment is one of the great problems facing humanity, from centuries past economies seek explanations and formulas to arrive at a model of full employment, which even exists in theory, but in practice can hardly be applied. The lack of jobs is a constant challenge for people, businesses and governments, and the absence of work generates serious social and economic problems consequences. These problems are concentrated in emerging economies and especially in economic crisis times. Changes in the labor market and technological advances merit special attention, as companies seek to reduce costs and continuous improvement of quality products and services while on the other hand workers need to monitor the progress to enhance and upgrade their working methods and learning to ensure jobs, aim for promotion and continuity of career. The constant search for improvements is part of the routines for all who wish to have a more peaceful and better future.

KEY WORDS

unemployment, technology, labor market, work

1 INTRODUÇÃO

Desemprego é sempre um tema polêmico dentro do mundo acadêmico, pois desperta o interesse de estudos diversos, principalmente na atualidade, onde o número de desempregados não para de crescer.

Com um estudo bibliográfico, nasceu o interesse de realizar uma profunda pesquisa, onde em seu início o objetivo era estudar todos os motivos, causas e consequências do desemprego, indicando soluções para esse problema que não é só brasileiro, mas sim mundial, porém constatou-se a extrema dificuldade de reunir todas essas informações em um artigo, por isso optou-se em estudar as transformações no mundo do trabalho enfatizando o desemprego e suas consequências.

Primeiramente abordam-se as alterações sofridas no mundo do trabalho desde a revolução industrial, passando pela a divisão do trabalho de Adam Smith. O capítulo menciona os sistemas e métodos fordistas e toyotistas de produção e suas atuações dentro das empresas.

Depois se destacam os motivos que causam o desemprego e como são tratados dentro de indústrias com uma literatura embasada em especialistas do tema, assim como o desafio das empresas na geração de novos postos de trabalho para o futuro. Por fim, destaque para a importância da qualificação e educação dos trabalhadores para acompanhar os avanços tecnológicos.

Por último aborda situações envolvendo os aposentados que continuam exercendo suas funções, a força jovem em busca de oportunidades, a crescente informalidade e terceirização com objetivo de redução de custos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção será apresentada a pesquisa sobre questões econômicas que influenciam diretamente as relações no mercado de trabalho, tecnologia e desemprego com base na leitura de especialistas do tema.

2.1 EVOLUÇÕES DOS MÉTODOS DE TRABALHO

Com o movimento que gerou revolução industrial o mundo presenciou uma grande imigração de trabalhadores para os grandes centros, onde se concentram até hoje os grandes polos industriais, no passado este movimento deu origem a chamada classe operária, estabelecendo assim as classes sociais. Por outro lado os grandes empresários, detentores de capital promoveram a revolução industrial com o objetivo de ampliar os negócios e diminuir custos na produção.

Aos trabalhadores a alternativa foi especializar-se em atividades que com base na sua repetição tinham como objetivo de tornar o trabalho mais rápido e reduzir custos, produziu assim uma grande quantidade de mão de obra e aprofundou a divisão do trabalho, esta citada por Adam Smith, exemplificando a fabricação de alfinetes:

Tomemos, pois, um exemplo, tirado de uma manufatura muito pequena, mas na qual a divisão do trabalho muitas vezes tem sido notada: a fabricação de alfinetes. Um operário não treinado para essa atividade... nem familiarizado com as máquinas ali empregadas... dificilmente poderia fabricar talvez um único alfinete, em um dia, empenhando o máximo de trabalho; de qualquer forma, certamente não conseguirá fabricar vinte. Entretanto, da forma como essa atividade é hoje executada, não somente o trabalho todo constitui uma indústria específica, mas ele está dividido em uma série de setores, dos quais, por sua vez, a maior parte também constitui provavelmente um ofício especial. Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete (...). Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturadas, são executadas por pessoas diferentes, ao passo, em que outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas. Vi uma pequena manufatura desse tipo, com apenas 10 empregado, e na qual alguns desses executavam 2 ou 3 operações diferentes. Mas, embora não fossem muito hábeis... conseguiam, quando se esforçavam, fabricar em torno de 12 libras de alfinetes por dia. Ora, 1 libra contém mais de 4 mil alfinetes de tamanho médio. Por conseguinte, essas 10 pessoas conseguiam produzir entre elas mais do que 48 mil alfinetes por dia. Assim, já que cada pessoa conseguia fazer um décimo de 48 mil alfinetes por dia, pode-se considerar que cada uma produzia 4.800 alfinetes diariamente. Se, porém, tivessem trabalho independentemente uma da outra, e sem que nenhuma delas tivesse sido treinada para esse ramo de atividade, certamente cada uma não teria conseguido fabricar 20 alfinetes por dia... (SMITH, 1983, p. 41-42, apud ARAÚJO, 1995, p. 29-30).

A citação de Adam Smith datada de 1776 evidencia a transformação na produtividade dos trabalhadores, comparando duas formas de produção, com e sem divisão do trabalho.

Para Smith (1983) a necessidade das empresas em ampliar seus mercados e conquistar novos clientes e mais espaço, por si só fez com que a divisão do trabalho se tornasse indispensável para o crescimento das empresas. O que aponta

que mesmo num passado distante, as empresas que não se especializassem e não investissem em tecnologia, teriam muitas dificuldades para sobreviver.

Para Santos, (1999) "a Revolução Industrial que assinala o início da importância do fator econômico e da ascensão das massas proletárias, como características da atual civilização". Justamente após a Revolução Industrial que há registros de maior intensidade de desemprego.

Ao longo do tempo o sistema capitalista moderniza-se e recebe contribuições importantíssimas com o sistema de produção fordista. Com o fordismo introduziu-se um sistema de fabricação de vários produtos, porém, em série de vários produtos, foi utilizada a mesma metodologia da divisão do trabalho, mas com certo nível de aperfeiçoamento. Henry Ford, na implantação da linha de montagem, focou na agilidade aliada a especialização objetivando aperfeiçoar uma única função no processo de produção, desta forma as atividades passaram a ser desenvolvidas de maneira mais rápida e eficiente.

Para Smith (1983), o ser humano é extremamente egoísta, e sempre quer mais que o outro. O autor afirma que é natural do ser humano querer conquistar mais que o outro e este sentimento auxiliou no desenvolvimento das atividades e rotinas dos trabalhadores, estes por sua vez, passaram a desenvolver máquinas para melhorar a produção e assim estar à frente de outros trabalhadores.

Ford apresentou um sistema que aumentou significadamente a produção nas fábricas de forma intensa, utilizando esteiras prolongadas, nas quais os operários respondiam por uma função específica, normalmente no encaixe de peças, este processo foi facilitado porque os trabalhadores possuíam habilidades e dominavam o que faziam.

De acordo com Stein (2000) o fordismo fixa o trabalhador em certo posto de trabalho e o objeto de trabalho é transportado sem a interveniência do operário, para que ele não perca tempo.

Para Masi (2001) a economia industrial era baseada na produção em série e no consumo de bens materiais, na utilidade marginal destes bens e na possibilidade de contá-los, pesá-los e medi-los. Sendo assim, de acordo com o autor, o sistema fordismo de produção revela-se simples com a aplicação de grandes quantidades, organização e treinamento de operários.

O sistema de produção em série mostrou-se viável nos anos seguintes, pois produzia-se mais com menos. Isso foi possível após vários experimentos. O modelo

foi extremamente importante ao evidenciar para os capitalistas da época que seria possível produzir com custos menores, gerando assim lucros maiores.

Para Schwartz (2000), o modelo fordista não requer um trabalhador com grandes conhecimentos, assim como é praticamente dispensável um trabalhador forte intelectualmente, pois o lado intelectual deste processo é executado pelas máquinas, que por sua vez funcionam constantemente em ritmo frenético.

Para Antunes (2003), as máquinas trabalham o dia inteiro com uma velocidade alta, exigindo do trabalhador muita prática e rapidez no complemento das tarefas, desta forma a produtividade aumenta muito e não se faz necessário um grande número de trabalhadores para o serviço, o que por sua vez gera desemprego, formação da massa de reservas de mão de obra ociosa, e maiores lucros para os capitalistas.

Henry Ford não se preocupava se o trabalhador tinha algum conhecimento profissional, para Stein (2000) o trabalhador qualificado, antes necessário no processo de montagem, é eliminado, surgindo um novo homem, cuja única função é repetir indefinidamente movimentos padronizados, desprovidos de qualquer conhecimento profissional, pois o importante neste sistema eram os resultados da produção e os lucros.

Para Antunes (2003) no sistema fordista não era necessário um grande conhecimento profissional por parte do operário trabalhador. Por outro lado apresentava uma grande inovação, máquinas que executavam a maior parte do trabalho fazendo com que o homem fosse apenas mais um componente da mesma.

Na década de 1920, o fordismo se deparou com um dos seus maiores desafios, a formação de imensas camadas de desempregados devido ao fato das máquinas realizarem os trabalhos apenas com o auxílio dos operários que poderiam ser facilmente substituídos por outros. Outro fato que corroborou para uma crise no sistema de produção fordismo foi a falta de demanda para o que era produzido.

Conforme Pochmann (2001) somente na grande depressão de 1929 o fenômeno do desemprego seria mais bem entendido como produto da insuficiência do desenvolvimento das forças produtivas e não mais como decorrente do desajuste da concorrência no interior do mercado de trabalho.

A crise de 1929 escancarou para o mundo um excesso de produção e pouco consumo, conseqüentemente, poucas vendas e para os trabalhadores o desemprego, o que serviu de alerta para o sistema de produção ser repensado.

Segundo Stein (2000), o sistema de produção fordista começa a ter um declínio na década de 1960 e esta queda se intensifica com a crise do petróleo na década de 1970. Outro fator que também contribuiu para a queda do fordismo foi a expansão das indústrias japonesas e sul-coreanas que na mesma época da crise do petróleo na década de 1970, já se apresentavam como uma nova alternativa de sistema de produção industrial.

2.2 INOVAÇÕES NO PASSADO

Com o enfraquecimento do fordismo nas décadas de 1960 e 1970, um novo sistema de produção começa a ganhar espaço, o toyotismo. O sistema tinha como objetivo ter maior participação dos trabalhadores, redução de custos e diminuição dos estoques. O toyotismo deu origem ao trabalhador multifuncional, que poderia desempenhar diversas atividades dentro da fábrica, receber e dar treinamentos com capacidade de aprender novas atividades.

De acordo Stein (2000) para melhorar a qualidade e reduzir os custos, precisavam-se de trabalhadores qualificados e altamente motivados, conhecedores do processo produtivo, capazes de identificar eventuais falhas e de proporem medidas corretivas antes que os problemas ocorressem

Já para Pochmann (2001) a passagem de funções especializadas para múltiplas tarefas parece atuar mais na direção da alteração do conteúdo do trabalho, sobretudo quando predominam novas técnicas de gestão de produção e organização do trabalho.

O sistema toyotista tinha como objetivo preparar o trabalhador para todas as situações que pudessem ocorrer dentro da fábrica, não bastava apenas treinar os trabalhadores para melhor desempenhar as atividades, mas preparar os trabalhadores para que atuassem de forma preventiva, evitando assim problemas futuros, evitando erros. Este método de produção ficou conhecido como trabalho preventivo, onde foram inseridos práticas de exercícios físicos para prevenção de doenças e sedentarismo.

O toyotismo funcionava de forma inovadora objetivando eliminar qualquer tipo de erro, extraindo o melhor dos trabalhadores sendo descrito abaixo conforme Antunes (2003):

- 1) É uma produção mais diretamente vinculada aos fluxos de demanda;
- 2) É variada e bastante heterogênea e diversificada;
- 3) Fundamenta-se no trabalho operário em equipe, com multivariabilidade e flexibilidade de funções, na redução das atividades improdutivas dentro das fábricas e na ampliação e diversificação das formas de intensificação da exploração do trabalho;
- 4) Tem como princípio o Just-in-Time, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção, e funciona segundo o sistema de Kanban, placas ou senhas de comando para reposição de peças e de estoque, que no toyotismo deve ser mínimo." (ANTUNES, 2003, p. 230).

Ainda de acordo com Antunes (2003) o processo de produção de tipo toyotista, por meio dos team work, supõe portanto uma intensificação da exploração do trabalho, quer pelo fato dos operários trabalharem simultaneamente com várias máquinas diversificadas, quer pelo ritmo e a velocidade da cadeia produtiva dada pelo sistema de luzes. Ou seja, presencia-se uma intensificação do ritmo dentro do mesmo tempo de trabalho ou até mesmo quando este se reduz. Na fábrica Toyota, quando a luz esta verde, o funcionamento é normal; com a indicação da cor laranja, atinge-se uma intensidade máxima, e quando a luz vermelha aparece, é porque houve problemas, devendo-se diminuir o ritmo produtivo.

Com o sistema Toyota de produção temos trabalhadores polivalentes que produzem mais, por outro lado, gera-se desemprego para os trabalhadores que não tiveram a mesma preparação.

2.3 AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E O DESEMPREGO

A evolução nos sistemas de trabalho ajudou evidenciar a separação de classes na qual em países pobres e subdesenvolvidos, a minoria desfruta de boas condições e por outro lado a grande maioria não consegue ter o mesmo ritmo de evolução que as classes economicamente mais favorecidas.

Conforme Singer (1998) os que crescem sem escolaridade provavelmente serão excluídos não só do mercado de trabalho, como também de todas as manifestações da vida cultural que pressuponham a alfabetização.

Para Pochmann (2001) a tendência à desigualdade econômica internacional leva inexoravelmente a constituição tanto de uma classe minoritária de nações como de classe inferior majoritária, representado, por vezes, 2/3 da população mundial.

É nítido o aumento pela disputa por vagas de emprego e que as mesmas cada vez mais tem ofertas menores, algo que se intensifica em períodos de crises econômicas, como a crise de 2008 que teve seu início nos Estados Unidos da América, atingiu a Europa ou atual crise brasileira e outros continentes. Dessa forma para Leite (1994) destaca que parece até que existe uma penosa relação inversa entre ambos: quando um aumenta o outro diminui.

Para Leite (1994) o problema está no acúmulo de grandes quantidades de mão de obra involuntariamente ociosa. Outro fator causado pela por excesso de mão de obra é o que os empresários sabem utilizar esse fato para controlar aumentos de salários. Já para Pochmann (2001) a atual epidemia do desemprego nacional decorre da menor evolução dos postos de trabalho diante da expansão da população economicamente ativa.

Para Leite (1994) sabemos que quem perde o emprego depois dos 40 anos ou até menos dificilmente consegue outro. Entretanto a nova força de trabalho, em sua maioria formada por jovens, conta com grande informação devido ao advento da internet, porém com pouca experiência. Normalmente as empresas exigem um bom grau de conhecimento, mas ao mesmo tempo procura-se baixar custos, não contratando um profissional que possui um vasto currículo e que devido a isto, tem valor/hora de trabalho mais elevado.

2.4 O VARIAÇÕES NO EMPREGO COM VISÃO NO FUTURO

O mercado de trabalho esta em constante mutação devido aos avanços tecnológicos, porém em países pobres ou em desenvolvimento as camadas mais pobres da população não conseguem acompanhar o mesmo ritmo de desenvolvimento e atualização.

Para Leite (1994) muitas pessoas não querem hoje ter filhos por que quem não nasce não corre o risco de ficar desempregado. O futuro gera sempre incertezas, principalmente em economias emergentes que frequentemente se deparam com crises econômicas, o resultado deste movimento e com base na afirmação de Leite é que a população mundial esta envelhecendo, tendência constatada também no Brasil.

Para Pastore (1997) a tecnologia e a globalização são inevitáveis, Nesse quadro, a educação é essencial para trabalhar, sendo assim, o investimento em educação por parte dos governantes deveria ser prioridade em qualquer programa de governo, assim sendo, para Singer (1998) a escolaridade ou sua falta foi vista como uma espécie de variável intermediária, condicionada por fatores estruturais que contribuíram para reproduzir a exclusão dos grupos discriminados e desfavorecidos.

O mercado de trabalho apresenta um cenário cada vez mais concorrido. De acordo com Leite (1994) existe uma penosa relação entre ambos: quando um aumenta o outro diminui, Leite se refere a demanda por emprego que aumenta e ao mesmo tempo a oferta de emprego que diminui.

Segundo Pastore (1997), eletrodomésticos são lançados com novidades inovadoras a cada três meses, basta um fabricante inovar e logo a concorrência tem um produto melhor, isso num curtíssimo espaço de tempo, algo que também se aplica a indústria de tecnologia, que segue em constante inovação para não perder clientes, o mesmo se aplica a indústria automobilística e também ao setor de serviços que busca soluções para atender de modo mais rápido, eficiente sem perder a qualidade.

Modelos de carros são alterados com frequência, sempre trazendo alguma novidade, um exemplo disso é o desenvolvimento dos automóveis bi-combustíveis, uma empresa lançou, logo todas as empresas lançaram uma versão dos automóveis que são movidos a álcool ou gasolina, dependendo da necessidade do consumidor e dos preços dos dois tipos de combustíveis.

De acordo com Pastore (1998) a velocidade das inovações está sendo meteórica. Vivemos um tempo em que a história corre mais depressa. Na década de 60, uma novidade industrial durava mais de 3 anos; na década de 70, isso caiu para 2 anos; na década de 80, 1 ano; e, hoje em dia, 6 meses. No campo da eletrônica,

uma novidade dura apenas 6 semanas. Depois disso ela é “capturada” por vários produtores e entra na concorrência de mercado, deixando de ser novidade.

Para Leite (1994) o governo tem que ampliar o sistema de educação no Brasil, e investir na qualidade de ensino, o que contrasta com a atual realidade, onde o objetivo é a quantidade. Conforme Pastore (1997) existem trabalhadores que sabem escrever o nome, mas ao mesmo tempo não conseguem entender o significado da explicação de um manual de instruções.

Ainda segundo Pastore (1997), a solução para os trabalhadores é buscar uma intensiva melhora nos seus conhecimentos culturais e sociais, na mesma velocidade imposta pelo mundo globalizado.

3 OS DESAFIOS DAS EMPRESAS NA GERAÇÃO DE EMPREGOS

Segundo Pastore (1997), um dos grandes problemas que prejudicam as empresas na geração de novos empregos é a alta carga tributária. Num país onde mais da metade dos empregos são gerados por empresas de pequeno e médio porte, os impostos são custos altíssimos dificultando a geração de novos empregos e empurrando as pessoas para o emprego informal. Para Pastore (1997) na situação brasileira atual, o empresário pensa duas vezes antes de contratar um novo empregado, especialmente na hora da recessão. Por isso ele prefere demandar novas horas extras dos seus empregados em lugar de contratar novos. O autor atribui aos custos tributários a responsabilidade por inibir maiores investimentos e avanços por parte do empresariado brasileiro.

Empresas conseguem gerar novos postos de trabalho, mas os encargos tributários dificultam a expansão de novas vagas, pequenas empresas, por vezes realizam contratações de modo informal, sem o vínculo empregatício da CLT.

Por outro lado, Singer (1998) os empresários gostam de falar de oferta de emprego, como se o emprego fosse uma dívida que a firma faz ao empregado. Na realidade é o contrário, é o trabalhador que oferece, ele que é o vendedor, e a mercadoria não é o emprego, mas a capacidade de produzir do trabalhador. A firma empregadora é o comprador, o demandante e, como tal, paga o preço da mercadoria – o salário.

Para Santos (1999) um estudo recentemente mostra que os trabalhadores mais prejudicados pela rígida legislação trabalhista são exatamente os mais vulneráveis: os poucos educados; os mais jovens; os de meia idade; as mulheres e os rurais. Já para Pastore (1997) sobre seu salário, o trabalhador também sofre descontos de imposto de renda, previdência, imposto sindical e outros. A alta carga tributária para empresa e trabalhador abre espaço para informalidade e terceirização.

De acordo com Singer: (1998), a substituição do emprego formal, ou seja, com registro do contrato de trabalho na carteira de trabalho (documento de cada trabalhador empregado, indispensável para assegurar-lhe os direitos legais) por emprego informal, ou seja, sem registro vem se tornando cada vez mais freqüente.

Para Pastore (1997) primeiramente o trabalhador pode não se importar com o fato de não ter o vínculo empregatício, pois o objetivo deste é a manutenção de sua renda e sustento da família, esse evento ocorre devido as grandes massas de desempregados que se submetem a grandes adversidades para conseguir se sustentar.

De acordo com Santos (1999) os encargos sociais devem ser revistos e adequados à nossa realidade das relações laborais, à semelhança de nossos parceiros comerciais, inclusive da Argentina, que recentemente promoveu uma redução no custo do trabalho, para que não sejamos menos espectadores das agruras de nosso povo, como se o desemprego fosse um problema apenas dos outros, o que enfatiza a importância de uma reforma tributária no Brasil

Conforme Pastore (1997) a grande luta do trabalhador atual, é manter seu emprego. É isso que tem levado os sindicatos da Europa, dos Estados Unidos e do Japão a trocarem aumentos de salário por segurança de emprego. O mesmo tem ocorrido entre nós nas discussões das câmaras setoriais. A flexibilização da contratação é absolutamente fundamental para a manutenção e ampliação do emprego. Proibir e punir o uso de hora extra ilegal, evidentemente, é parte de papel do Estado. Mas isso tem seus limites. O emprego só crescerá quando reduzirmos os encargos sociais e aumentarmos a flexibilização para contratar, sub-contratar, terceirizar, organizar.

3.1 QUALIFICAÇÕES DA MÃO DE OBRA

A qualificação constante por parte dos trabalhadores é extremamente importante para acompanhar o mundo competitivo das empresas, principalmente nos tempos modernos, onde a tecnologia esta presente em tudo que fazemos.

De acordo com Pastore (1997) não há lei, regras ou sindicato que arrume trabalho para quem não consegue apreender continuamente. Os trabalhadores que não conseguem acompanhar o ritmo das mudanças apresentam grandes dificuldades em se manter nos seus postos de trabalho ou até mesmo de pleitear novos cargos com promoções, embora para trabalhadores de classes menos favorecidas, os problemas são exponencialmente maiores em virtude da falta de renda.

Para Pastore (1997) até hoje, as nossas vantagens comparativas sempre repousaram em uma oferta de mão de obra barata por ser pouco qualificada, e desta forma os trabalhadores com pouco conhecimento foram conseguindo manter-se no mercado de trabalho. Na medida em que as exigências por parte das empresas por mão de obra mais qualificada aumentaram, a situação piorou para os trabalhadores que possuem pouco estudo. De acordo com o autor, mesmo sem grandes qualificações e atualizações na carreira o que por muitas vezes mantém o trabalhador em seu cargo é o fato do mesmo ter um baixo custo para empresa, quando a mão de obra ofertada é viável.

Para Singer (1998) os que crescem sem escolaridade provavelmente serão excluídos não só no mercado formal de trabalho, como também de todas as manifestações da vida cultural que pressuponham a alfabetização.

Já para Masi (2001) deve ser uma população educada, e educada com uma visão com um deleite mental equivalente a da utilidade imediata do conhecimento técnico, e desta forma ter capacidade de receber e passar as informações necessárias para o andamento de uma produção dentro de uma fábrica, ou no andamento de negócios importantes.

De acordo com Pochmann (2001) não sem motivo o mundo do trabalho passou a ser palco de profunda repercussão desse novo cenário em curso na economia global. O desemprego e a desigualdade de salários e renda se mostram crescentes entre nações ricas e pobres, bem como no interior, especialmente entre as economias não desenvolvidas, que na tentativa de superar as condições de periferia do dinamismo mundial transformaram-se numa grande feira internacional de concorrência pelo oferecimento de mão de obra a custos decrescente.

Para Antunes (2003) parte importante do tempo livre dos trabalhadores está crescentemente voltada para adquirir empregabilidade, palavra que o capital usa para transferir aos trabalhadores a necessidade de sua qualificação, que anteriormente eram em grande parte realizados pelo capital.

De acordo com Pochmann (2001) a intensificação da qualificação profissional desempenharia um papel importante tanto na diminuição do desemprego, graças à adequação da oferta de trabalho às novas exigências das empresas, como na elevação da qualidade dos postos de trabalho existentes.

Para Singer (1998) se todos os trabalhadores desempregados incrementassem seu nível de qualificação, o único resultado seria uma concorrência mais intensa sobre eles, com provável queda dos salários pagos.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA PRODUTIVIDADE NO TRABALHO

Para acompanhar um mercado competitivo as empresas precisam investir em inovação e continuo avanço em seus processos de produção, por outro lado os trabalhadores pressionados pelas constantes modificações e atualizações necessitam acompanhar a evolução das transformações.

De acordo com Antunes (2003) a classe trabalhadora hoje não se restringe somente aos trabalhadores manuais diretos, mas a classe trabalhadora hoje incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho em troca de salário.

Para De acordo com Pastore (1997) não resta outra alternativa aos trabalhadores a não ser acompanhar as modificações no mundo do trabalho, para não ser excluídos. Os trabalhadores devem estar se especializando e diversificando seus conhecimentos constantemente para poder ter chances de permanecer no mercado de trabalho.

Ainda de acordo com Antunes (2003) o trabalho polivalente, multifuncional, qualificado, combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas empresas terceirizadas, tem como finalidade a redução do tempo de trabalho.

Com o passar do tempo e as mudanças no mundo do trabalho, o perfil exigido pelas empresas mudaram, assim, Schwartz (2000) desenvolveu uma tabela

que comparando as metodologias do passado e presentes, evidenciando o que é necessário para o trabalhador se encaixar em uma empresa nos dias atuais.

TABELA 01 - COMPARATIVO ENTRE O PROFISSIONAL ESPECIALIZADO (VELHA ECONOMIA) E PROFISSIONAL MULTIFUNCIONAL (NOVA ECONOMIA)

Velha Economia	Nova Economia
Carreira numa empresa	Vários empregos
Emprego estável	Trabalhos e projetos
Especialização	Habilidades múltiplas
Linearidade, Carreira	Mudanças de órbita e trajetória
Técnica define situação	Situação define técnica
Funcional	Criativo
Empresa	Organização
Hierárquica, Rígida	Redes flexíveis
Província	Globalização
Racionalidade	Percepção
Acumulação	Renovação
Informação	Formação
Material	Virtual

Fonte: SCHWARTZ (2000, p. 53)

Para Pochmann (2001) sem a industrialização plenamente desenvolvida, portanto, o setor terciário tende a ter condições pouco favoráveis a generalizar, por exemplo, as ocupações profissionais superiores e mais qualificadas. As transformações vividas pelas empresas forçam os trabalhadores a mudar constantemente o modelo de aprendizado para as mudanças que ocorrem nas empresas, desencadeiam nos trabalhadores a obrigação de mudar constantemente a forma de aprendizado para se manter ou se recolocar no mercado de trabalho.

3.3 APOSENTADOS COM TRABALHO

A necessidade de manutenção de renda adicional aliada a falta de planejamento durante a vida, somado a planos de previdência ineficientes por parte dos governos corrobora para que os trabalhadores continuem no mercado de trabalho, mesmo após aposentados.

Segundo Pastore (1997) manter um funcionário já aposentado em atividade dentro da empresa é conveniente, pois este já tem conhecimento das regras, é treinado e possui domínio na função que exerce.

Para Santos (1999) o aumento da produtividade dos últimos anos no Brasil, especialmente a partir da década de 1990 ajudou a aumentar os índices de desemprego, segundo o autor os trabalhadores com mais tempo de registro em carteira em uma única função são mais produtivos, sendo assim alguns trabalhadores aposentados continuam trabalhando por vontade da própria empresa, em contrapartida no Brasil em sua maioria é o baixo valor do salário pago aos aposentados, pois de acordo com Pochmann (2001) quem não tem condições de acumular bons recursos enquanto trabalha será fatalmente condenado a uma velhice precária.

Para Pastore (1997) o ex ministro do Trabalho dos Estados Unidos, Robert Reich, costuma dizer que os trabalhadores mais velhos são confiáveis, conscientes e leais, combinando conhecimento com experiência – o que constitui um valioso capital para as empresas. (Reich apud Pastore, 1997, p. 1997).

De acordo com Pochmann (2001) é a falta de renda, que faz com que segmentos sociais adicionais sejam remetidos para o mercado de trabalho, quando deveriam estar fora dele. Segundo autor, a falta de verbas para o governo aplicar na previdência social, fazendo com que os aposentados historicamente recebam um salário baixo, leva o trabalhador mesmo estando aposentado continuar trabalhando.

Quando se trata de Brasil, uma pequena porcentagem da população teve educação financeira e condições de conseguiu realizar um planejamento com objetivo de se aposentar e não depender somente da previdência privada, o que pode garantir o direito de uma aposentadoria tranquila mas este não é o cenário da grande maioria das pessoas de terceira idade e idosos, pois após determinada idade problemas de saúde começam e alteram a qualidade de vida das pessoas.

Para Pastore (1997) no mundo inteiro, a população que mais cresce é a dos velhos. E isso vem se acelerando, Na França, por exemplo, o grupo de pessoas com 65 anos e mais, que em 1835 representava 9% da população total, levou 15 anos para chegar a 22%. Nos dias atuais, a China dará esse salto em apenas 25 anos. Quase o mesmo ocorrerá no Brasil.

Ainda de acordo com Pastore (1997) a maioria dos empresários acredita que a força física começa a declinar depois dos 30 anos. A visão e a audição, depois dos 45, e a velocidade de raciocínio, a partir dos 50 anos.

Isto seria uma das possíveis soluções para o combate ao desemprego por parte das pessoas que recebem sua aposentadoria, mas por hora, continuam trabalhando, para isso cada cidadão deveria ter acesso a uma boa educação e acesso a bons empregos que lhe garantam condições de investir em poupança ou aposentadoria privada.

3.4 JORNADA DE TRABALHO

Uma das grandes discussões travadas por empresários e sindicatos é sobre a redução da jornada de trabalho, pois os sindicatos alegam que a qualidade de vida dos trabalhadores mudaria para melhor e as empresas contratariam mais funcionários para compor as equipes e conseqüentemente cumprir com prazos de produção.

Para Antunes (2003) a luta pela redução da jornada ou tempo de trabalho deve estar no centro das ações do mundo do trabalho hoje, em escala mundial. Lutar pela redução do trabalho visando, no plano mais imediato, minimizar o brutal desemprego estrutural que é consequência da lógica destrutiva do capital e de seu sistema. Reduzir a jornada ou tempo de trabalho para que não prolifere ainda mais a sociedade dos precarizados e dos desempregados.

De acordo com Leite (1994) a redução da jornada de trabalho geraria de 15% a 20% de novos empregos se tratando de números em nível de Brasil, o autor afirma que é uma maneira prática de aumentar a quantidade de trabalho disponível e presumivelmente o número de empregos é a redução não só da jornada de trabalho, mas também do número de dias de trabalho por semana.

Para Pastore (1997) o problema de se diminuir a carga horária dos trabalhadores esta diretamente ligada à produtividade dos mesmos, para ele a produtividade dos nossos trabalhadores está entre as menores da América Latina, pois, "a qualidade da nossa força de trabalho é 14% menor que a média da América

Latina, 39% inferior a da Argentina e 45% mais baixa do que a média dos países desenvolvidos.

Mas para Singer (1998) a redução da jornada de trabalho, é extraordinariamente difícil, embora não deva nem possa ser abandonada. É que, durante o processo de reestruturação, a redução da jornada encarece o emprego assalariado, induzindo muitas empresas a optar por formas mais baratas e mais precárias de adquirir força de trabalho. Se isso ocorrer, o efeito da redução da jornada poderá ser perverso, pois reduzirá o emprego assalariado formal em lugar de expandi-lo.

Mas o problema vai muito além de reduzir a jornada de trabalho, pois de acordo com Pastore (1997) não há lei, regras ou sindicato que arrume trabalho para quem não consegue aprender continuamente, porém, por outro lado, existe a dificuldade das empresas com os vários tributos envolvidos na contratação e manutenção dos funcionários, o que por si só barraria a criação de novas vagas.

Pastore (1997), ressalta que com encargos menores as empresas contratariam mais e por outro lado o governo também poderia arrecadar mais, simplesmente por que os valores atribuídos a esses dois itens seriam bem menores e a produção das empresas faria com que as contratações fossem convenientes, ao mesmo tempo se contrata em número maior, pode-se aumentar a produção e por consequência as vendas.

3.5 JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA

Ano após ano milhares de jovens entram no mercado de trabalho, buscam seu primeiro emprego, iniciam estágios e até mesmo entram nos programas de menor aprendiz, de acordo com Antunes (2003) os jovens são aqueles que terminam seus estudos médios e superiores, e não tem espaço no mercado de trabalho.

Boa parte dos jovens que buscam iniciar sua carreira enfrentam dificuldades devido à falta de experiência e a falta de programas sociais para qualificação e colocação no mercado de trabalho, especialmente para os jovens de baixa renda, visto que os jovens de classes A e B tem mais estrutura para viabilizar suas carreiras, que muitas vezes iniciam na forma de estagio quando o jovem já esta cursando a universidade.

Em um primeiro momento o objetivo do jovem é ingressar no mercado, ficando em segundo plano as questões e pretensões salariais. De acordo com Pochmann (2001) ainda que desigualmente, verificou-se que o filho do pobre tornava-se menos pobre que o pai, enquanto o filho do rico ficava mais rico que o pai.

Já para Antunes (2003) o mundo do trabalho nos países centrais, como repercussão também no interior dos países em industrialização intermediária, tem presenciado um processo crescente de exclusão dos jovens e dos trabalhadores considerados “velhos” pelo capital.

De acordo com Schwartz (2000) as novas vagas não crescem no mesmo ritmo das pessoas que se colocam no mercado de trabalho, e parte destas vagas não são preenchidas somente por jovens, porque o desemprego não é composto apenas por jovens que decidem começar a trabalhar, mas sim por uma população ativa que vai dos 14 aos 65 anos, logo, qualquer pessoa entre essa faixa de idade pode trabalhar.

O desemprego entre os jovens vai muito mais além da ausência de renda, pois sem ocupação, abra-se espaço para problemas sociais, como, por exemplo, o envolvimento com drogas, LEITE (1994) ao citar Voltaire afirma: “Voltaire dizia que o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade”. (Leite, 1994, p. 132).

3.5 O MERCADO DE TRABALHO DEPOIS DA MEIA IDADE

O mercado de trabalho esta cada vez mais exigente e competitivo, as modificações acontecem em uma velocidade que muitas pessoas não conseguem acompanhar. Quando se trata de meia idade, o problema pode ser maior ainda, pois esses profissionais encontram grandes dificuldades de recolocação no mercado após a perda dos seus postos de trabalho, em sua grande maioria são trabalhadores não especializados que durante suas vidas não tiveram a oportunidade de se aperfeiçoar, muitas vezes por falta de incentivos sociais dos governos e por questões econômicas.

De acordo com Antunes (2003) o mundo do trabalho capitalista moderno hostiliza diretamente esses trabalhadores, em geral herdeiros de uma “cultura

fordista”, de uma especialização que, por sua unilateralidade, contrasta com o operário polivalente e multifuncional (muitas vezes no sentido ideológico do termo) requerido pela era toyotista.

A perda do trabalho e o fantasma do desemprego pode levar uma pessoa a adquirir vários problemas, doenças, etc., o efeito que a falta de recursos aliada a falta de ocupação podem gerar efeitos irreversíveis, pois a pressão interna e da sociedade que desqualificam pessoas sem ocupação, na maioria das vezes sem entender os motivos originários causam sequelas emocionais podem levar muito tempo ou nunca serem curadas.

Para Leite (1994) um pai sem emprego é pior do que um filho sem escola. A preocupação com o dia de hoje se reflete no futuro, um pai só pode dar boas condições de educação e formação para um filho desde que tenha condições para fazer isso, desde que tenha emprego e renda, caso contrário fica impossível realizá-lo.

Segundo Antunes (2003) assistimos a muitas manifestações de revolta contra os estranhamentos, daqueles que são expulsos do mundo do trabalho e, conseqüentemente, impedidos de vivenciar uma vida dotada de algum sentido.

Já para Santos (1999) a perda do emprego gera um desequilíbrio na vida do trabalhador, na medida em que provoca um dano ainda mais grave se o desempregado busca, mas não consegue se reposicionar rapidamente no mercado de trabalho.

4 INFORMALIDADE E TERCEIRIZAÇÃO

Muitos trabalhadores que ao serem dispensados de seus empregos, na falta de novas oportunidades aliada a pressão por ter que conseguir trabalho, passam a desenvolver atividades informais. Para Pochmann (2001) ao se reconhecer que o emprego assalariado formal representa o que de melhor o capitalismo brasileiro tem constituído para a sua classe trabalhadora, pois vem acompanhado de um conjunto de normas de proteção social e trabalhista, conclui-se que a sua redução absoluta e relativa vem acompanhada do aumento de vagas assalariadas sem registro e de

ocupações não assalariadas, implicando aumento considerável da precarização das condições e relações de trabalho.

De acordo com Singer (1998) pode-se considerar a exclusão do emprego formal como sendo um dos mais importantes processos da exclusão social, enquanto para Pochmann (2001) na maior parte das vezes, as ocupações não assalariadas representam formas de produção de estratégias de sobrevivência.

Para Santos (1999) mais de 800 milhões de seres humanos no mundo estão desempregados ou subempregados, porém, para Singer (1998) alguns indivíduos podem não encontrar trabalho apenas porque eles não aceitam o trabalho disponível, uma vez que o salário correspondente é demasiado pequeno para compensar o esforço.

Para Pochmann (2001) as alternativas de ocupação e renda no meio urbano terminaram sendo direcionadas para o chamado setor informal, que abriga parcelas expressivas de trabalhadores nas ocupações de serviços sobre tudo na classe de distribuição (comércio, comunicação e transporte).

Paralelamente a informalidade, desenvolve-se uma tendência de terceirizações, onde profissionais que anteriormente eram contratados no regime das consolidações das leis trabalhistas passam a prestar serviços. Para Singer, (1998) os profissionais que passam a trabalhar "por conta própria" ganham a possibilidade (teórica) de atender a outros clientes, mas correm o risco de que "o" cliente se volte para outro fornecedor. Em suma: o ex empregador ganha novos graus de liberdade, os ex-empregados perdem a segurança que tinham.

De acordo com Pochmann (2001) as ocupações não assalariadas podem ser identificadas como uma das novas formas de inserção ocupacional, especialmente no caso do trabalho autônomo para a grande empresa, pois surge em condições de remuneração e de trabalho mais favoráveis (técnicos especializados e mão de obra com alta escolaridade e elevada experiência profissional). Esse movimento cria uma capacidade das empresas diminuírem postos de trabalho e terceirizarem determinadas atividades, reduzindo assim a quantidade de contratações e ao mesmo tempo contribuindo para maiores índices de desemprego.

Para Singer, (1998) muitas atividades desconectadas do grande capital monopolista passam a ser exercidas por pequenos empresários, trabalhadores autônomos, cooperativas de produção, etc; o que transforma um certo número de

postos de trabalho de "emprego" em ocupações que deixam de oferecer garantias e os direitos habituais e de carregar os custos correspondentes.

Ainda de acordo com Singer (1998) as grandes jornadas praticadas por prestadores de serviços e trabalhadores informais causam demissões e por outro lado geram mais empregos informais.

Segundo Singer (1998) as soluções propostas para o desemprego se limitam em geral a oferecer ao desempregado treinamento profissional e algum financiamento, se ele se dispuser a começar um negócio por conta própria.

4.1 TECNOLOGIAS E DESEMPREGO

A tecnologia esta inserida em praticamente tudo o que fazemos, nos dias atuais, é quase impossível para a maior parte dos indivíduos sobreviver sem estar conectado com o mundo virtual, sem ter as facilidades que computadores pessoais e aparelhos de telefones celulares oferecem. Na indústria não é diferente, os avanços tecnológicos transformam o mercado a todo momento e as empresas que não seguem este caminho absorvem vários problemas. De acordo com Pastore (1997), o alto custo da mão de obra vem levando os países mais avançados a automatizar tudo o que podem.

Com toda a transformação tecnológica, os trabalhadores vem perdendo espaço para máquinas e computadores, pois os últimos são mais ágeis, confiáveis e apresentam menos problemas.

Para Pochamann (2001) os perfis ocupacionais deste século tende a estar associados diretamente à crescente capacitação tecnológica. Já para Antunes (2003), não há como ter uma linha de produção sem ter nela, pessoas trabalhando, a mão de obra humana é fundamental para o andamento da produção de uma empresa. Ainda para Antunes (2003), a tecnologia é fundamental mas sempre haverá a necessidade de seres humanos para coordenar e comandar as máquinas

Já para Pastore (1997), a tecnologia, as máquinas em geral, são fatores de grande preocupação para os trabalhadores, pois estas reduzem os postos de trabalho e substituem funcionários e colaboradores

Por outro lado, novas tecnologias geram novas demandas, produtos, necessidades e profissões, renovando assim o ciclo do trabalho e substituindo profissões e atividades que ficaram obsoletas e com pouquíssima utilidade.

De acordo com Schwartz (2000) as mudanças tecnológicas afetam todos os setores e são capazes de gerar (e não apenas destruir) empregos. Segundo o autor as novas tecnologias também geram novos empregos, na medida em que são desenvolvidos novas máquinas ou novos sistemas de produção, juntamente são criadas novas profissões e é o trabalhador que precisa se adaptar com rapidez ao mercado, em vez de ficar esperando que surjam, vindas do próprio mercado, as oportunidades que correspondam ao seu perfil atual.

Já para Singer (1998) a demanda por trabalhadores esta se contraindo em setores beneficiados por inovações tecnológicas, entre os quais se destaca a indústria, mas que incluem indubitavelmente boa parte do terciário. Os robôs, o computador e a comunicação por satélite estão eliminando milhões de empregos no mundo inteiro e nada adianta lamentar-se por eles.

A tecnologia representa mudança e um papel fundamental no avanço de métodos de produção, comunicação e execução, além da revolução nos produtos e serviços, por outro lado é praticamente indispensável que os trabalhadores acompanhem as transformações no mundo do trabalho para continuar avançando em suas carreiras.

4.2 A ROBOTIZAÇÃO DA INDÚSTRIA

As transformações na indústria e mundo do trabalho são constantes, em toda a história, temos uma evolução continua dos processos de produção e sistemas industriais. A busca incessante por redução de custos e otimização dos processos faz com que as empresas substituam os trabalhadores por máquinas.

Segundo Pastore (1997) os robôs estão se tornando cada vez mais baratos do que os seres humano. Além do mais, eles não faltam ao serviço; não vão ao banheiro; não tiram férias; e não fazem greve.

Para Antunes (2003) por mais que os robôs sejam modernos, são incapazes de trabalhar sozinhos, sem o comando, gestão e manutenção de seres humanos, porém, os segmentos que mais investiram em tecnologia, foram

justamente os que mais contribuíram para o crescimento dos índices de desemprego.

Conforme Singer (1998) é a difusão do auto serviço facilitado pelo emprego universal do microcomputador. O que pode significar que cada cidadão gastará mais tempo para consumir e administrar o consumo presente e futuro de si e dos que dela ou dele dependem.

Já para Pastore (1997) os robôs são baratos. Trabalham no calor, no frio, no claro, no escuro, no ar puro e no ar poluído. Por isso economizam energia, dispensam iluminação, refrigeração, aquecimento e purificadores de ar. Trabalham em local apertados e insalubres. Mesmo assim, não reclama e não faltam. São pouco exigentes. Trabalham sábados, domingos e feriados com o mesmo entusiasmo que o fazem nos demais dias da semana.

Para Singer (1998) a concorrência intensificada entre as empresas obriga-as a reduzir custos e, portanto, a aumentar o máximo a produtividade do trabalho, o que implica reduzir também ao máximo a compra de força de trabalho.

Outro fator evidenciado é que devido as grandes transformações impostas pelas novas tecnologias, após estar desempregado, aumenta o tempo médio para recolocação no mercado de trabalho por parte das pessoas que perderam seus empregos. Santos (1999) alerta que, "da mesma forma em que aumenta o desemprego, cresce o tempo médio para os desempregados encontrarem alguma ocupação".

No Brasil, mesmo com o auxílio desemprego que é pago para trabalhadores que desenvolveram atividades por mais de um ano na última empresa que trabalhou, as consequências e problemas podem ser gravíssimos para quem não consegue uma recolocação no curto prazo.

5 CONCLUSÃO

Com o passar do tempo várias mudanças foram inseridas no mercado de trabalho, movimento que vem alterando consideravelmente as vidas das pessoas. Smith, Ford e o sistema toyotista contribuíram com métodos inovadores para os processos de produção, aumentando a lucratividade e reduzindo custos das empresas. Esses movimentos fizeram com que as empresas na busca por maior

eficiência, contratasse menos e produzisse mais, o que automaticamente contribui para um maior nível de desempregados.

O desemprego é um problema extremamente preocupante e especialmente a sociedade brasileira, sindicatos, estados e governos buscam pensar em métodos para a geração de mais vagas de empregos, mas sempre encontrando dificuldades, pois as leis trabalhistas estão envelhecidas e a grande carga tributária são obstáculos para o empresariado.

Paralelamente aos problemas já citados, temos os trabalhadores que não conseguiram um planejamento financeiro durante suas vidas e tampouco podem depender da aposentadoria paga pelo governo, sendo assim, esses trabalhadores continuam no mercado de trabalho em busca de renda para complementar as receitas das famílias. Por outro lado os trabalhadores de meia idade encontram dificuldades em se recolocar no mercado de trabalho, para muitas empresas o perfil deste trabalhador apresenta um custo alto e vícios trazidos de outras experiências. Já os jovens em busca de seus primeiros trabalhos também encontram dificuldades em virtude da falta de experiência e muitas vezes são prejudicados pela ineficiência do sistema educacional que não prepara o aluno para o futuro.

.A informalidade e a terceirização aparecem como opção para quem esta fora do mercado de trabalho, na falta de emprego fixo, com vínculo empregatício, nas normas das consolidações das leis trabalhistas, os trabalhadores optam por se inserir, muitas vezes contra sua própria vontade, no mercado informal, enquanto que alguns profissionais realizam a abertura de pequenas empresas para prestar serviço, na sua grande maioria para empresas onde já se trabalhou.

A tecnologia trouxe novos métodos de produção, mais agilidade, confiabilidade e maior eficiência. Trabalhadores que não conseguem seguir o mesmo ritmo das mudanças impostas pelas novas tecnologias tem seus postos de trabalho ameaçados, estes possuem a necessidade de se especializar constantemente para poder acompanhar as transformações impostas nos mercados de trabalho. A robotização por qual passaram as indústrias contribuiu para maiores índices de desemprego, mas por outro lado a advento das novas tecnologias criou um novo modelo de produção, além de necessidades diferentes e novas profissões com base nas demandas atuais.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Maria Adelaide. **O Presidente Bossa Nova**. São Paulo: Globo, 2006.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo : Boitempo, 2003
- ARAÚJO, Carlos Roberto Vieira. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Atlas, 1995.
- BENJAMIN, César. **Bom Combate**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DINIZ, Clélio C., CROCO, M. A, **Reestruturação Econômica e Impacto Regional**: O Novo Mapa da Indústria Brasileira. Nova Economia, Belo Horizonte, 1996.
- FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: Unesp, 1997.
- GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2005.
- LACERDA, Antônio Corrêa de. **Economia Brasileira**. 2º ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- LEITE, Celso Barroso. **O Século do Desemprego**. São Paulo: Ltr, 1994.
- MASI, Domenico de. **A Economia do Ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- MINDLIN, Betty. **Planejamento no Brasil**. 5º ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2003.
- PASTORE, José. **A Agonia do Emprego**. São Paulo: LTR, 1997.
- POCHMANN, Marcio. **O Emprego na Globalização**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- SANTOS, Enoque Ribeiro dos. **O Direito do Trabalho e o Desemprego**. São Paulo: TLR, 1999.
- SCHWARTZ, Gilson. **As Profissões do Futuro**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego**. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- STEIN, Maria de Lourdes Tomio. **Gênero Feminino no Contexto do Trabalho Fabril**: Setor Eletroeletrônico em Curitiba e RM na década de 90. Curitiba, 2000. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

<http://www.ibge.gov.br>.

<http://www.dieese.org.br>.

<http://www.ipeadata.gov.br>.